

DEPÓSITO LEGAL

MARIA RITA



Redacção literária de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTAVIO SERGIO



A revolução espanhola



OCTAVIO SERGIO

ZÉ POVO — Tenha paciência, Dona Espanha. A mim, nos primeiros anos, aconteceu-me o mesmo... Depois pior: aderiram todos à República.

Propriedade da Empresa do Magazine "Civilização" L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:
Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00

Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00

Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00

Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

— A —

ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

É para o POVO a garantia de que
bebe bons VINHOS e baratos!!!

Tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos

14 ADEGAS:

Rua do Bomjardim, 361-363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Telef. 5617.

Rua das Fontainhas, 193-195.

Rua do Teatro de S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila).

Rua de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristovam). Telef. 5802.

Rua da Constituição, 1395.

Rua de S. Roque da Lameira, 2785.

Avenida Fernão de Magalhães, 53-55. Telef. 2484.

Largo Campo Martires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria).

Largo Maternidade Julio Diniz, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).

Travessa da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores). Telef. 905.

Rua Anselmo Braancamp, 633.

Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

Na FOZ — Rua Senhora da Luz, 238-242. Telef. 314—FOZ.

Em MATOZINHOS — Rua Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto). Telef. 275 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR
é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuinos,
a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA
de vinho autêntico velho do Porto!

Muita gente julga que o

PINTO Camiseiro

faz só camisas bem feitas. Mas
a verdade é que êle faz de tudo
o que diz respeito a camisaria:
ATÉ BONS PREÇOS.

NAS ➔

Galerias Lafayette

da Rua Formosa—PORTO,
todos os artigos teem um
cunho parisiense inexcédível

• AUX GALERIES LAFAYETTE •

Se algum dia a

MARIA RITA

mudar a sua característica toi-
lete, irá fazê-lo de-certo na céle-
bre casa de modas

Albano Ramos Pais

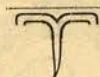
NA

Rua de Sá da Bandeira

e ficará na ÚLTIMA MODA



RÁDIO



TELEFONIA



V. Ex.^a está comprador de um receptor ou de qualquer
acessorio para T. S. F.?

Recomendamos-lhe, no seu próprio interesse, não tome
qualquer resolução sem visitar a **CASA FORTE**, o maior
depósito de artigos de Rádio.

As primeiras marcas americanas e europeias estão ao
dispor de V. Ex.^a aos melhores preços do mercado.

CASA FORTE

SÊDE — Rua Sá da Bandeira, 281

FILIAL — Rua Santa Catarina, 20

PORTO — Telephone 4111



Factos e prestações

Crónica anacrónica

No recente livro, intitulado *Em plena república*, com que o sr. Conselheiro António Cabral encerra as suas Memórias Políticas, tem o illustre escritor um capítulo, etiquetado de *adesivos*, onde apresenta o rol de muitas pessoas, de maior ou menor notoriedade, que se expressaram, apenas extinto o eco dos canhões da Rotunda, a aderir às novas instituições.

Nêles encontramos êste bocadinho de ouro:

«Esquecia-me o sr. Dr. Júlio Dantas, agora presidente da Academia ex-Real das Ciências, meu antigo correligionário e deputado ex-republicano. Este escritor, que usa falsificar a História e deu de ceiar a Cardeais, enquanto pretendeu ser médico do Paço e commissário do governo do teatro de D. Maria, era monárquico fervoroso, — como agora, desde que do Paço não fizeram médico, é fervoroso republicano, tendo já sido ministro não sei de que pastas. Bem conhecido é o artigo adulador que êle, deputado monárquico em 1905, publicou na *Ilustração Portuguesa*, de 19 de Março de 1906, intitulado *A vida íntima de um príncipe — Do cargo à regência*, como conhecidas são as diatribes que a sua pena esvurmou, alvejando os Braganças, depois que se lhe esvaíu a esperança de ser clínico de El-Rei e do Príncipe Real, tão louvados naquele artigo célebre. A república fez-lhe virar a casaca bordada a ouro, à século XVIII; fêz-lhe descalçar os luzidios sapatos de *lulons rouges*, que os seus pés elegantes cobriam; tirou-lhe de sobre a cabeleira empoadá o tricórnio debruado de arminho; desahêrou-lhe da cintura o faim virginal, de copos enzeledos; despiu-lhe os calções de bom talhe, e fêz-lhe bofes de renda, as nacaradas meias de seda, que lhe moldavam as tibias perfurantes — e transformou-o no inimigo dos Reis, no adversário da monarquia, que servira. Voltou as costas aos Braganças monárquicas, e passou a fazer meias e versos às Severas e às Joaquinas dos adesivos republicanas. Pois não iam ainda muito longe os tempos em que eu o via nos salões do tapete da Rua dos Navegantes, curvado ante o meu e seu chefe, conselheiro José Luciano de Castro, melífluo, doce, de olhos grandes em terra, na atitude adamada de quem ia pisando as pedras pela vida fora, ao mesmo tempo que da terra desprendia sons que «lêliciavam os ouvidos das monárquicas aristocratas... Mudar, variar, mudar o seu fado. Já, celebrando o fado, a Severa cantava, ao som da guitarra gemente e suspirante:

«Tudo quanto o fado inspira
é o que só me entretém,
pois quem do fado se tira
não sabe o que é viver bem.»

E como se tôda esta magistral fotografia não bastasse, o sr. Dr. António Cabral alfineta ainda ao autor do *Sol-e-Dó Timpanas*, em nota, êste fenomenal rabo-leva:

«O sr. Dr. Júlio Dantas, a quem *O Intransigente*, no seu número de 27 de Março de 1912, chamou «atê 5 de Outubro, um peniculário da côrte dos Navegantes», em uma conferência que realizou na Imprensa Nacional, em 29 de Dezembro de 1912, sobre *Degenerescência nas famílias reais portuguesas*, — depois contraditada no *Movimento médico* pelo professor da Universidade de Coimbra, sr. Dr. Eusébio Tamagnini — disse que a dinastia de Bragança era «uma das genealogias exemplares para o estudo da degenerescência humana». Pois o mesmo sr. Dantas, em 19 de Março de 1906, no seu artigo da *Ilustração Portuguesa*, relativo ao Príncipe Real D. Luís, escreveu que a dinastia brigantina era «além de uma soberba dinastia de príncipes, uma soberba dinastia de artistas».

«Peço ao leitor que não vomite.»

Nós fazemos a vontade ao sr. dr. Cabral. Não vomitamos, porque ja tínhamos vomitado na devida altura.

Descansem os leitores um pouco, para darem tempo a que a náusea se evapore, e passem a pág. 329.

«Preside à Academia (das Ciências), que nenhuma influência exerce do espirito público, e com a qual o País se não importa, o sr. dr. Júlio Dantas, adulador dos Braganças enquanto pretendeu ser médico da Real Câmara, e algoz dos Braganças depois que se viu repellido, friamente, do Paço. A sua ascensão ao mais alto cargo académico provocou o seguinte comentário do velho e illustre jornalista, sr. José Caldas, como se pode ler numa *interview*, por êste concedida ao jornal *A Voz*, em 31 de Março de 1929: «Atê a Academia das Ciências, elegendo presidente o Júlio Dantas, demonstra à evidência que já não há homem nem valores.»

«O sr. Júlio Dantas, presidente da Academia, tem enchido os seus livros de inverosimilhanças, de falsidades, de êrros de História. São êles tantos, nos diversos actos de um dos seus dramas, do sr. dr. António Baião, em uma *interview* publicada na primeira página de *O Liberal*, de 22 de Março de 1910, disse: «Isto não é *Santa Inquisição*, é *Santa Invenção*.» Não é só nas suas peças teatrais que o sr. Dantas dá largas à sua imaginativa, inventando, como numa

de elas inventou, um bispo na diocese de Beja, em época em que ainda lá não havia bispos: é também nos seus artigos. Se êle até fantasiou que a rainha Santa Isabel era estrábica!! Ah! boas palmatoadas, puxadas a valer pela forte e sábia mão do sr. Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, panegirista de D. Isabel de Aragão!

«Eis o que é, em traços larguíssimos, o escritor adocicado, salta-pocinhas, de mais a mais plagiário, que preside à Academia.»

Como se vê, quem despiu os calções ao autor do *Nada* não foi a República: foi o sr. dr. António Cabral; e foi êle, igualmente, quem lhe deu as palmatoadas — se podem denominar-se assim os golpes aplicados em semelhante sitio — mas despedidas com tamanha falta de caridade, que a vítima já cambaleia.

Todavia, a implacável férula não se detem:

«A 3 de Junho de 1910 — quatro meses antes da revolução republicana — a bordo da fragata *D. Fernando*, realizou-se uma festa militar, em que o hino da Carta foi cantado pelo Orfeon, com letra do sr. dr. Júlio Dantas. Um dos versos era êste:

«*Fulge, fulge, régio diadema!*

«Poucos meses volvidos, o sr. Dantas virou a casaca, e virou também as costas ao *regio diadema*, passando a pensar que o que fulgia era o barrete frígido!

«Este sr. Doutor!»

Pronto! *Knoc-out!* Conte lá os segundos, amigo Joaquim Leitão!

Pois ainda bem! Ainda bem que o sr. dr. Cabral se não esqueceu do sr. dr. Júlio Dantas. Semelhante esquecimento representaria imperdoável ofensa para tão valiosa figura, — e a perda de um óptimo ensejo para o gáudio público.

Assim, fica o sr. dr. Cabral tendo a certeza de que o autor da *Severa* na sua qualidade de inspector geral das Bibliotecas e Arquivos, há de, em tôdas as bibliotecas do estado, dar um lugarzinho especial a êste seu interessante livro.

Marcial JORDÃO.

Balancete da semana

O Conselheiro Mengo tropeçou
comigo, no café.
Vinha tristonho. E o seu — «Como passou?» —
merecia, em resposta, um R. I. P.
E o Conselheiro, arregalando o lúzio,
num gesto macabúzio,
bastante ciprestal,
confessou-me o seu mal:
— «Imagine você: Cheguei da Itália,
— «mês e meio de gôso. —
«com a Rosa, a Paquita e a Natália,
— «um trio excepcional
«e assás libidinoso;
«e agora, no Estoril, faço uns mergulhos,
«a-fim-de engatilhar novos arrulhos,
«quando findar a estação calmosa,
«já sem Natália, nem Paquita e Rosa. . . »
— E porisso está triste? — perguntei
de bôca aberta em «O». —
«Você é quasi um Rei
«do Petróleo! — Zangue-se, embora, irrite-se,
«que ninguém terá dó,
«Conselheiro, de si. . .
«Um mês em Londres; outro em Biarritz.
«Depois Madrid, Pequim, Otahiti. . .
«Mulher's, é só pedir
«por bôca, que elas surgem. . .
«Se mil desejos urgem,
«o dôbro pode vir. . .
«Com a sua varinha de condão
«não há complicações. . .
«Do singular «tostão»,
«faz-se o plural «milhões!» — »
O Conselheiro Mengo ouviu, tristonho,
o meu arazoado,
exclamando, depois: — «O' louco sonho
«do eterno depenado!
«Se soubesses a hórrida tragédia
«da Vida; os formidáveis sofrimentos
«dos que vivem, como eu, dos rendimentos!
«Queres Ventura? Pede-a
«ao pobre e nunca ao rico; porque nós,
«sentimos ulular, cá dentro, a voz
«dum aborrecimento alucinante. . .
«Ter uma e depois outra e outra amante.
«Em vez dum automóvel, dois ou três. . .
«Conheces o prazer dum restaurante,
«— trufas, *foie-gras* — comeste alguma vez?
«E as viagens, amigo?
«Ora! Tu sabes lá o que isso é!
«Põe o corpo num figo
«andar no «Sud-Express»!
«Eu era mais feliz, quando não tinha
«na algibeira um tostão.
«Magro como uma linha,
«mas d'alma alegre e de alegria sã!
«Ai quem me dera ser um pobretão
«como tu, Frei-Satan!»
Calou-se o Conselheiro Mengo. E logo eu
tornei: — «Sim. Tens razão.
«E' mais azul o céu
«da minha vida, amigo, podes crer.
«Não vivo como tu, — mas sei viver!»
Ness'altura, que à toa
eu ia perorar,
o Conselheiro Mengo pôr-se a voar. . .
. . . Em podia pedir-lhe alguma c'roa. . .

Frei-SATAN.

Êste mundo são dois dias

Estamos em pleno verão e na febre
excursionista dos passeios de «20 ami-
gos».

O povo aproveita estes domingos
de sol luminoso, confraterniza, passeia,
canta, dança, come e bebe. Os exalta-
dos censuram-no. Queriam-no ver triste,
meditabundo, parafusando nos graves
problemas sociais e ruminando vingân-
ças e ódios, até ao advento de melho-
res dias.

Mas haverá, de facto, melhores dias
do que estes, que são verdadeiros dias
em cheio, de alegria, de pândega, de
«não te rales com nada», de «não penses
no dia de amanhã?»

...E não valé a pena pensar,
porque o dia de amanhã, a seguir
a um Domingo, é sempre Segunda-
feira. . .

Grupos e mais Grupos

E os títulos ratões que os ratões dos
excursionistas arranjam para os seus
grupos?!

São os «Enfezados de S. Mamede»,
os «Afunilados de Miragaia», os «Esgam-
çados de S. Cosme», os «Rebentados de
Ávintes», os «Espalmados do Bomfim»,
os «Grandes de Valongo» e os «Retor-
cidos de Ramalde»!

Todos presumem em arranjar títulos
extravagantes e originais!

E, por êste caminhar, ainda have-
mos de ver grupos, assim intitulados
«Grupo Excursionista dos Escrofulosos
de Ambos os Sexos da Corticeira»,
«Grupo dos 20 Amigos das Hemorrói-
das do Norte», «Grupo Farmacêutico
dos Supositórios» e o «Grupo dos
20 Amigos e 30 Amigas (1 e meia par-
cada amigo) dos guardas republicanos
a pé e das criadas de servir a ca-
valo!»

Um título comprometedor

Um dos simpáticos grupos que
pouco efectuou o seu passeio ama-
tem o *reduzido* nome de: «O' Zé, vai
bem com a tua vida!»

E' um título original, que serve para
mostrar ao estrangeiro que vivemos con-
tentes, e que essa coisa da crise não
passa dum patranha inventada por
negociantes que não querem pagar
letras nos dias do vencimento!

«O' Zé, vais bem com a tua
vida!»

Se vais bem, Zé, continua, mas o
tu não devias era confessá-lo diante
tôda a gente!



De que côr prefere as suas camisas?

Pretas, vermelhas, castanhas ou côr de burro quando foge?...

— **Investigações e entrevistas sensacionais**

Tôda a gente sabe que o grande mal que vai por êsse mundo de Cristo não tem a sua razão de ser na crise financeira.

Remotamente, se folharmos os calendários antigos, daquele tempo em que um célebre rei queria vestir a camisa dum homem feliz, até hoje, veremos sem esforço de maior que o mal estar mundial assenta apenas nisto:

De que côr é a sua camisa?

Sim, porque é fora de dúvidas que Mussolini venceu porque usava uma camisa preta. Staline está ainda altisonante e preclaro porque veste uma camisa vermelha. E o Hitler do bigode à semi-Charlot, há-de tomar as rédeas do povo alemão porque usa uma camisa castanha.

A MARIA RITA numa camisa de onze varas

E fâcilmente se viu nela. E' inconsteável que a MARIA RITA é o diário dos Sábados que maior número de informações fornece aos seus leitores. Meteu o nariz em Genebra e gostou mais de bagaço; viu-se grega com a questão das Reparações, e os tectos ainda metem água; assistiu à Conferência do Desarmamento e ficou ciente de que o que êles queriam era dez... armamentos para cada um. E hoje, de novo na sua terra natal e de mais festas de família, vai investigar seriamente sobre a questão das camisas.

O que há por debaixo das camisas?

Não sabemos; mas palpita-nos que além do que vulgarmente é uso trazer-se, há qualquer coisa escondido. Doutra forma seria impossível que estes *camisões* fôsem os senhores do mundo. Eis-nos, portanto, a caminho junto dos interessados nas camisas cá na cidade Invicta.

Falam os camiseiros

Pela bôca dos seus representantes melhores:

O que nos disse o Gomes da R. 31 de Janeiro — Olhe: desde que abri o meu estabelecimento novo, a coisa não vai mal. Ainda agora mesmo trago entabulada uma transacção maravilhosa: cada menos que um milhão de camisas de burro quando foge, para um par-

tido novo. Esta invenção Mussulínica foi Deus que apareceu aos camiseiros.

O que sabe acêrca disto o Pinto Camiseiros — Vocação decidida para êste ramo de negócio, um côco luzidio no curucuto da tola.

— Pois claro. O mundo coreográficamente falando estava quási sem camisa. Por outro lado o nudismo levava-nos uma grande parte dos nossos lucros. Foi então que apareceram os salvadores. Hitler, é fora de dúvidas, tem uma fábrica de camisas. Mussolini, êsse, como não tinha em Itália Jaque Estripador, nem Jackes Diamond para dar cabo dêles, deu cabo dos Jaque... tões. Mas há melhor; eu recebi há pouco uma encomenda de 100.000 camisas da côr da carne. Julgô que é para um grupo envergonhado de nudistas. Adeus.

Uma encomenda de camisas de onze varas para os revolucionários Espanhóis

A' última hora soubessemos que a Camisaria Confiança recebeu uma grande encomenda de camisas de onze varas com colarinhos à Cunha Leal para o comité revolucionário de Espanha.

Além destes ilustres entrevistades, avistamo-nos ainda sobre a questão das camisas com um importante farmacêutico, bem cotado no estrangeiro, e com o II.º director do Hospital Conde Ferreira.

Destá última entrevista colhemos a impressão de que o modelo adoptado para o novo partido é a

Camisa de Fôrças

Fala o Ferreira da Pernambucana — O' meninos: Quais camisas? Agora já ninguém compra disso. Em Portugal o que há mais são camisas negras. São raros os que as conseguem mudar de oito em oito dias. Quanto às castanhas, agora já há pouco disso; mas houve aí tempo que era o pão nosso de cada dia. E camisa vermelha anda aí um no Pôrto. E' aquele pintor, que dá pelo nome de Sampaio, mas que vai *mais além*... Fale-me antes em combinações que eu cá estou.

PERDEU-SE

Um colarinho, um par de punhos com os respectivos botões, e uma gravata no jardim João Chagas durante um dos numerosos concertos com que a população do Pôrto é mimoseada durante a canícula.

Posta restante

Iborier — Razão tendes, formoso mancebo. Por doença inesperada do Revisor, foi o Guarda-freio quem se encarregou das gralhas — e, avesso às Musas, julgou óptima a metrificacão estapafúrdia de algumas glosas... — Que Deus me perdoe e os leitores idem...

Sarambeco — Essa história dos marchantes do Pôrto pode interessar-nos, mas com provas e o seu nome a responsabilizar-se pelo caso. E' preferível aqui, de brincadeira, do que no tal jornal a que se refere, a sério. — Para que há-de afligir de mais os homenzinhos? Cada um come do que gosta e dá o que lhe pertence...

Juca III — Mande.

PERFIS DO PORTO

XVII

SILVINO DE MAGALHÃES



Membro categorizado da Companhia Carris de Ferro do Pôrto... Uma espécie de guarda-freio do Deve e Haver... com punhos de borracha.

A VIDA E A MORTE

XVIII

A ALMA DO VIOLÃO BRASILEIRO



— *Vêrdadi papae, qui si êle fôsse branco não podia tocá melhô?*

ANUNCIOS

da MARIA RITA

VENDE-SE, por motivo de retirada, um bilhete inteiro da Loteria de hoje. Pedidos ao Augusto das Cardosas, Passio das mesmas, a qualquer hora.

ALUGA-SE um par de meias-solas, tiradas dos sapatos dum morto. Estão em bom estado e garante-se que não tem moléstia contagiosa. Preço convidativo.

PASSA-SE um estabelecimento central no centro da cidade e que tem por título comercial — *O Centro da Etiqueta*. Falar das 15 às 16 na rua Central de Francos.

O que a gente perde por não saber andar

— Um par de peúgas, num carro da linha 17, no percurso do Pinheiro Manso à praia do Molhe.

— Um chapéu de palha que, por ser do ano passado já não servia para êste verão, em plena Praça da Batalha. Há quem diga que foi a voz do passado.

— Uma grande fortuna, ali para a outra banda, por se desprezar uma jovem de cinquenta e nove primaveras que nos disputava ferozmente, valendo-se do argumento decisivo para muitos — o seu dinheiro, todo em livras da Rainha Vitória.

— Um guarda-chuva de senhora, próprio para verão, servindo para tempo sêco, na praia da Senhora da Luz.

Cartas a tinta preta

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia MARIA RITA:

Jovial,
Alegre como ubérrima botija,
Cá recebi a carta semanal
Por onde vejo que anda bela e rija.

D. Angola anda tôda em espalhafato,
(Digo, em espalha-vestidos, porque é dama)
Não para ir ao baile, onde a reclama
A Alemanha e John Bull com fino tacto...

Não, senhor! Ela é nacionalista!
— «Nació» na lista do cosido e canja...
— Em suma: nunca foi partidarista
De acepipes e cousas lá da «estranja».

Ala fé! Se anda tôda espevitada
Ai vai o legítimo motivo:
E' que tem o ministro respectivo
Portas adentro... — e ela, depenada!

Põe-se em cálculos vários d'aritmética:
Como a transp'ência está inda algo crítica,
Anda a fazer doméstica política
Para não desprezar algo da estética.

Conquanto seja tudo ilusões d'óptica,
Não quer ficar esteril e apática...
... Muito embora a estulta matemática
Julgue a espuma do «champagne» hip... notícia

— E a matemática é uma batata.

Adeus, ti MARI'RITA! Cá o rapaz
Como ao bom S.^{to} António não apraz
Dar-lhe a taluda, nesta rica data,
Por cá se fica à espera de notícias
Alegres, quais botijas de bom vinho.
Saúde e mil delícias
E' o que deseja o vosso

Migue-LINHO.

Caçada aos lóbos

Acêrca duma notícia que demos no nosso penúltimo número, sôbre uma caçada aos lóbos, recebemos do nosso amigo, sr. Agostinho Ricon Peres uma carta, obrigando a uma rectificação que muito gostosamente fazemos, transcrevendo parte:

Ex.^{mo} Sr....

.....
Está tudo certo da notícia da caçada, mas o que não posso sentir é que V. Ex.^{as} me chamem Rotário. Se me tornam a chamar esse nome, vou caçar outro lobo para o soltar na redacção da MARIA RITA.

Oxalá queiram evitar uma grande desgraça para V. Ex.^{as} e para os leitores dêsse brilhante semanário. De V. etc.

Agostinho Ricon Peres.

Claro está que quem caça lóbos não pode ser Rotário. Pelo menos não consta que lóbos sejam de comer.

Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais
-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-:-

Hoje entra em cena um novo jornal em antes de subir o pano para os *Ecoss de Cacia*. Tem o lugar de honra o «Seixalense», *quinzenário independente pró concelho do Seixal*. Se calhar p'ros outros concelhos não é independente.

E' da sua secção de *Efemérides* que vamos recortar uns bocadinhos de um português de lei.

Começa assim:

Faz-me pena, radica-se profundas saudades no fundo do meu peito, quando de longe admiro a alegria comunicativa das crianças, puras como a inocência, que esperam irrequietas o momento de entrarem na Escola.

Nessa época em que os sonhos eram sempre representados por papões, os que as vossas avós vos lembram quando pretendem fazer-vos estudar e adormecer — minhas flores — eu era feliz e todos vós o sois, mentinos...

Vós sois como as borboletas: brincam e repousam.

e termina com esta perfeita exortação:

Crianças da minha terra, flores dispersas neste lindo Portugal, que hoje não conheceis os espinhos do viver, não fugis nunca da Escola e antes procurai todos serem os primeiros a transportar as portas ao entrardes e os últimos ao sair.

E se não fôsse este bocadinho, a meio, em que o articulista confessa:

Quantas vezes fugi da Escola, e com que saúde evoco esses tempos.

a gente nunca poderia saber a razão porque os verbos são tão mal tratados, coitadinhos!...

Esta, agora, é do conspícuo *Diário de Notícias*:

José

Escreve sem demora, dizendo quando telefonas. Urgente falar-te.

José.

Confessamos, que temos lido muita coisa: senhora com porta para a escada; dactilógrafa independente e cavaleiro com quarto de banho!

Mas ainda não tínhamos visto que dois Josés viessem para a Imprensa fazer cócegas um ao outro. Só se um deles fôr um José do Egipto!

E pronto! Cá estamos nós às voltas com o *Ecoss de Cacia*. Desta vez se quiséssemos, encheríamos toda a MARIA RITA, com o número correspondente ao seu segundo aniversário. Limitamos, por isso, quasi sem comentários, a transcrever coisas.

Eise-as:

Avanca

Inédito para o «Ecoss de Cacia»

Terra buliçosa, algemada entre a ria de Aveiro e as estensas campinas que a adornam, é hoje uma vila cheia de recortes etéricos, advindos dos vislumbres sonhadores dos homens e da Natureza encantadora, cuja pulcritude adorável se projecta sobre o seu solo.

Neste pequeno recanto beirão, nunca pondo de parte o roble, a oliveira e tantas outras arvores, existe de tudo um pouco, quanto a Natureza criou na grande orbe, debaixo do seu veu Celestino, desde o regato, a colma, a charneca, o val, em suma então os seus detalhes tão simetricamente repartidos, que percorridos todos os pontos que os compõem decerto não há mácula a registar.

Como vêem, o articulista que se esconde sob o pseudónimo de *António Lusitano*, tinha razão ao dizer que isto era inédito. Sobretudo o *veu celestino que cobre a orbe da Natureza*.

Muitos ferradores deve haver em Avanca!...

Continuando:

Terra laboriosa, onde a agricultura tem assentados seus arraiais, move-se aqui com suavidade, com frescura, com enlevo.

O calor assetinado do sol que tão bem tempera o clima desta Região, — o reflexo fulvo amarelo da lua, ou as chuvas soaves, ou ainda a brisa meiga, são o sangue das suas veias, a amenidade do seu semblante.

Olhem que isto é só a décima parte de um artigo!... Foi só uma cabeça que escreveu isto, e as orelhas não lhe coram com certeza, porque teem muito pêlo!...

Leiam agora esta tirada final:

Bendita sejas, ó terra, que me foste berço, onde se perdeu a minha puéril infância, onde a minha vista se estendeu pela primeira vez na conquista de novos horizontes, és toda fadada de encantos e bucólicas particularidades feitas para poetas e vividas por eles, que jámais a minha filúcia te deixa esquecer!...

António Lusitano.

Leram? Repararam para a *Filúcia* dele?!... Que pena, Avanca, não poderes pedir um pé empastado ao teu cantor, para o magoares em termos!...

Agora um bocadinho de verso para amenizar.

Olha as Marias! Vão em rebanho. Como a caminho de uma função... São casadoiras, de bom tamanho P'ra me alegrarem o coração!

Donde se prova que as Marias lá da terra além de serem de *bom tamanho*, andam em rebanhos como as cabras.

Outro:

*O mar é lobo esfaimado
endiabrado
que atemorisa
horrorisa
o mais pintado.*

Isto até parece do sr. Afonso Lopes Vieira, salvo seja! Sobretudo esta última imagem do *mais pintado*, é qualquer coisa de novo na nossa literatura.

Mas deixemos a poesia e vamos para a realidade esasmódica da vida, como se diria em Cacia.

Falecimento

O seu funeral que foi no dia seguinte foi de um verdadeiro pesar incorporando-se no prestito muitas pessoas de várias categorias, o falecido deixa viúva e filhos na orfandade.

Confessamos, sem vergonha, que dos nossos olhos brotaram lágrimas enormes. E' a primeira vez que vemos uma viúva na orfandade.

E olhem que isto é tudo de um único número do *Ecoss de Cacia* e do outro lado destes recortes que publicamos também havia asneiras!

Vamos terminar por hoje com a inserção completa de uma carta que o redactor principal recebeu como felicitação.

Meu caro Damião

Neste momento de regosijo para si e para o Ecoss, vanho, ficitado pelo muito trabalho e esforços, que tem empregado para que este semanario empregado bem longe as notícias da nossa terra e da circunvizinhas a todos os conterrâneos que se encontram por ahi fóra grangeando para a passagem da vida; por isso muitos parabens, pelas noticias de mais 52 semanas passadas com ardente trabalho para assim cumprir uma missão de que me teu ombros sendo um dever de todos nós ajuda-lo para que de hoje a 52 se diga assim: por mais um ano de iexistencia parabens ao Ecoss de Cacia.

Cacia 1-8-1932

António Marques da Cunha.

Este Marques da Cunha, não é o do *Diário de Notícias*, palavra de honra. Já está. São assim todos. Um primor de caligrafia! Não comentamos. Para quê?...

(Continua no próximo número).

O VI COMBÓO MISTÉRIO

■ Pôrto ■ Lisboa ■ Barro ■ Setúbal ■ Palmela ■
AS IMPRESSÕES DE MARIA RITA



Fernando Soares

CONVIDADA gentilmente pelo Sr. General Vasconcelos Pôrto, MARIA RITA, de braço dado com o seu caricaturista, compareceu à hora marcada, 10 e 13 minutos, na estação de S. Bento, com as respectivas bagagens e um lápis Faber n.º 2.

E' nos indicado o compartimento da imprensa. Com agradabilíssima surpresa, aí encontramos o Augusto Guerra de *O Primeiro de Janeiro*, o Alberto Carneiro de *O Comércio do Pôrto*, o Artur Sandão de *A Montanha* e o fotógrafo de *O Século*, Fonseca, que tão boa companhia haveriam de fazer.

Antes da partida, apresenta as suas despedidas o Sr. General Vasconcelos Pôrto, Delegado da Companhia Portuguesa, que deseja boa viagem aos excursionistas.

A's 10 h. e 13 em ponto o Combóio-Mistério, que leva pintado a branco um grande ponto de interrogação, põe-se em marcha... para o mistério.

Depois de uma pequena viagem em Companhia, o combóio retoma a marcha. Aparece o revisor a quem fazemos um nunca acabar de perguntas:

— Para onde vamos? Para o Norte ou para o Sul?

Ninguém sabe; nem mesmo, ao que diz, o próprio revisor.



Um asilado com cara de arenque que distribuiu latas de conservas aos excursionistas

Paciência. Havemos de ir a alguma parte... Desde que não vamos àquela, não há mal de maior.

Espinho, Aveiro, Curia...
Percebe-se perfeitamente pelas gravuras presentes das estações que vamos em direcção ao Sul.

A rapaziada das gazetas, que, cá por coisas da profissão, ficou para a segunda mesa, ao ouvir o tão conhecido aviso — 2.ª *serie*, levantou-se de um salto.

Que querem os senhores que MARIA RITA lhes diga dessa coisa nababesca a que os outros chamaram almoço e que nós sabemos perfeitamente ser uma autêntica tragédia para a nossa dispepsia ácida?

Fizeram-se na mesa dos jornalistas dois partidos vinícolas: um do Sul, outro do Norte. Escorpiacharam-se copiosas botelhas de Verde Agulha e Colares Tinto. Sobre tudo, Colares... Tanto colares, que até chegou aos punhos do nosso redactor, que, entusiasmado, dizia: mas isto não é apenas Colares — é uma autêntica camisaria.

Findo o almoço, que graças à solicitude do «controlleur» José Mafré, o az dos «controlleurs» da Wagons Lits, e à gentileza do chefe de mesa, Pinal, foi uma destas coisas de dar saúde e vida a um morto, pusemo-nos a estabelecer hipóteses



Um casal de excursionistas grandes consumidores das subsistências

sobre o itinerário. Graças ao Colares e ao Verde Agulha, houve menino que, mesmo à vista de Santarém, teve a patúsca opinião de que com certeza fomos para o Bom Jesus.

— Vocês verão — dizia o Guerra de *Janeiro*, com os olhos semicerrados — que vamos mas é para a Serra da Estréla...

Fernando Soares, funcionário da C. P.

Em Santarém entra Fernando Soares, funcionário da C. P. que revela aos jornalistas a primeira parte do programa: afinal, vamos para Lisboa.

Fernando Soares, que alguns jornalistas já conhecem de outras viagens, é um rapaz admirável, de uma cativante gentileza para todos os excursionistas, sempre solícito, tudo vendo e, o que é mais, tudo prevenido. E', incontestavelmente, um funcionário que muito honra e nobilita a Companhia Portuguesa.

Chegada a Lisboa — O funcionário superior da C. P., Sr. Murta — Um passeio pela cidade

A's 16 h. menos 10 minutos, o *Mistério* entra na estação do Rossio, onde é aguardado pelo funcionário superior da Companhia Portuguesa, Sr. Murta.

MARIA RITA perguntou se o Sr. Murta também era da Companhia, e como lhe respondessem que sim, muito circunspecta disse: Ah! Então é o Murta... dela; dela Companhia, já se deixa ver.

Depois de um belo passeio pela cidade e de termos visitado a estufa fria no parque Eduardo VII, fomos até ao alto da Graça, de onde se disfruta um belo panorama de Lisboa, essa clara cidade que prende pelo beicinho como uma mulher cheia de *coqueterie*.

Depois levaram-nos aos hotéis. Uns ficam no Hotel de Inglaterra, outros no Francfort de Santa Justa. Muito franc... e fortemente instalados, os jornalistas ficaram santa e justamente no Francfort de Santa Justa.

Limpos da poeira, fomos então, já dispersos em pequenos grupos, para onde mais nos deu a *realíssima gana*.

Os jornalistas subiram o Chiado. MARIA RITA detem-se a falar com o querido e velho amigo, Dr. Hernani Cidade, que está a falar num grupo de amigos, de entre os quais se destaca a pitoresca figura do eminente jornalista Brito Camacho, de chapéu à banda, o qual tem na mão uma braçada de alhos que vira e revira de um lado para outro.

Depois de constatar que o Sr. Brito Camacho estava a *revirar alhos*... MARIA RITA despediu-se e, rua acima, entrou na Brasileira do Chiado, onde uma cervejinha gelada dessenta e refresca.

O jantar no Francfort — Uma coisa inacreditável. — Um puding em estilo manuelino — Champagne a rodos

A's nove horas precisas, porque estivessemos já muito precisadinhos, foi-nos servido o jantar suculentíssimo, saboroso, inacreditável, um requinte extraordinário. E no fim de tudo, o que pareceu mais extraordinário ao jornalista, que estava de olhos boquiabertos, foi a circunstância de se não pagarem os extraordinários. Enfim: um céu aberto de comestíveis com sal que baste e nenhum azar financeiro...

Por especial deferência compareceu uma lagostá estilizada com incrustações em camarão ao natural, que ia sendo pela noite adiante um verdadeiro fim do mundo...

Júlio Portela, o chefe de mesa, um verdadeiro profissional como há poucos, de uma solididade a tóda a prova. Com muito pesar nosso, o clichê deste cavalheiro, feito expressamente pelo nosso caricaturista... estragou-se no banho... de champagne.

Filipe Carreira, gerente do Hotel, compareceu a nosso pedido para tomar uma taça de champagne, tendo brindado em nome da imprensa o Alberto Carneiro de *O Comércio do Pôrto*, que com trinados de champagne na garganta apresentou cumprimentos, larguras e alturas de reconhecimento e gratidão. Causou grande admiração que o Carneiro aquela hora e depois de ter bebido tanto, ainda pudesse fazer algum reconhecimento.

Foi muito admirado um *puding* apoteose, verdadeiro monumento em estilo manuelino com um *Viva a Imprensa do Pôrto* escrito em chocolate.

O Fonseca tirou-lhe uma fotografia para a enviar a Marques de Abreu para a sua coleção dos monumentos nacionais. E ainda bem, porque do monumento nem a saudação em chocolate escapou.

A nós calhou-nos um riquíssimo A maísculo que estava de primeira ordem.

E' das melhores letras que temos comido na nossa carreira literária.

Parque Mayer — Princípio do fim do mundo

Depois do jantar (era fatal), fomos parar ao Parque Mayer. Do que aí se passou não damos relato circunstanciado.

Saiba o leitor que por causa das meninas da barraca de tiro foi o verdadeiro princípio do fim do mundo, se bem que todos estivessem dispostos a observar o bíblico ensinamento do *crececi e multiplicai-vos*.

Depois... depois, muito boa noite, meus senhores e não lhes digo nada senão por música...

Fôram todos dormir ao Hotel, menos o Fonseca que foi matricular-se num curso noturno de Francês em um prédio da Avenida da Liberdade.



General das Pôrto

No Terreiro do Paço — Partida para o Barreiro, Setúbal, Outão, Palmela

As 8 e 30 minutos de domingo, manhã claríssima, o Tejo ardendo em luz, aqui e além cortada a mancha azul da água pelas asas brancas das gaivotas, esperamos no Terreiro do Paço pelo vapor Extremadura que nos há de conduzir ao Barreiro. Aí chegamos às 9 e 5 minutos. Espera-nos o combóio especial que nos leva a Setúbal, a rainha do Sado, como diria um poeta provinciano. Em Setúbal somos aguardados pelo Sr. Mário Lima, representante da Comissão de Iniciativa, que nos conduz em camionetes ao Sanatório de Outão, modelar organização da Assistência Nacional aos Tuberculosos, a que preside a grande alma do Dr. Cipriano Mendes Dordio, que nos recebe fidalgamente, acompanhado pelo seu ajudante, Dr. Greek Torres. Depois de uma rápida visita e entregue ao Sr. Director do Sanatório a quantia de 210\$000, produto de uma subscrição promovida pelos jornalistas, retomamos as camionetes de retorno a Setúbal, onde se nos junta o eminente cidadão Dr. Paula Borba, o grande animador da beneficência local. E depois de rápida visita à Igreja do Convento de Jesus, preciosidade artística delineada pelo arquitecto dos Jerónimos, vamos-nos até ao almoço, que é servido no Asilo Bogaço.

Uma coisa opípara, à moda regional, com conservas, ameijoas e preciosos salmonetes, tudo regadinho com vinho da região, que ainda agora lembra ao jornalista numa hiperacidez estomacal, que é um pavor!

Raios partam o Sr. Mário Lima, organizador daquela deliciosa indigestão e mais o mal que causou ao nosso riquíssimo estômago.

Além do mais, este Mário Lima é um destes camaradões de alto lá com êle. Até parece tripeiro, o maganão!

Respondendo ao brinde do Sr. Mário Lima, o nosso redactor falou, fazendo chorar os talheres e os copos, tal foi a ternura de que impregnou o seu discurso.

Em Palmela

Finda a suculenta e pantagruélica função à moda de Setúbal, tomamos de novo as camionetes e seguimos para Palmela, em visita ao vestuário castelo. Aí aguardava-nos D. João II, o Príncipe Perfeito, com um punhal à cinta, que nos mostrou todas as dependências do Castelo, não faltando aquela horrível masmorra, onde com água até ao pescoço, fêz encerrar aquele Bispo que o quisera matar...

Diante da cisterna horrível, o Sandão de *A Montanha*, de lágrima ao canto do olho muito vermelho, exclamou, cheio de eloquência: Com água até ao pescoço! Ainda se fôsse visinho! Ah rapazes, aquele Verde Agulha...

D. João, ao ouvir o nosso camarada e depois de saber que êle escreve na *Montanha*, teve um gesto de enfado e, levando a mão ao chapéu, despediu-se cortesmente, com um até à primeira, se Deus quiser.

A Volta — Regresso ao Pôrto

Pelos mesmos caminhos, iniciamos o regresso ao Pôrto, correndo tudo na melhor ordem, sem desastres pessoais e intransmissíveis... Chegamos à meia noite, com o coração a transbordar de saudades.

Girandola final. — Ao jeito de grande



Dr. Paula Borba

peça de fogo à moda de Viana do Castelo, cumpre-nos agradecer à Companhia Portuguesa as atenções de que fomos vítimas. *Vítimas*, é, com efeito o verdadeiro termo, porque fomos todos morrendo de indigestão precoce. Precoce, sim, senhor, porque tudo aquilo foi de morrer e chorar por mais. Ora, um morto que chora é, incontestavelmente precoce...

Mas deixemo-nos de explicações escusadas... Escusadas, porque, não obstante... Em suma, escusadas ou não, deixemo-nos de explicações.

Ao Delegado do Turismo da C. P., Sr. Augusto Murta e ao seu precioso auxiliar Fernando Soares, aqui fica também um cumprimento à Luís XV, XVI XVII, XVIII, XIV, ou mais, que em Luíses não somos esquisitos...

E um xi coração aos simpáticos excursionistas... de ambos os sexos.



Augusto Murta

VIZELA E GUIMARÃES FAZEM AS PAZES!

... Calor! Obras! Namorados! Vinho Verde! ...

Môscas e calor! Calor e fricções! Fricções e Imersões! Imersões, inalações, vaporizações, injeções... e tudo por seis tostões... actualizando a moeda, está bem de ver.

Vizela, a Papa-sêca

Vizela está a tratar da sua «toilette». Tantos anos desleixada e despretençiosa, chegou-lhe agora o desejo de se tornar papa-sêca, alindando-se, elegante e *coquette*, reparando os passeios, transformando a sua iluminação, e conseguindo derribar o pre-histórico alpendre que era o mostrengo máximo da sua artéria principal.

O povo pasmado com tantos melhoramentos, clama de mãos erguidas: Milagre! Milagre!

E consta que vai ser canonizado o Dr. Américo Caldas, o santo vizelista que conseguiu sacar da Câmara de Guimarães, a massa precisa para fazer de Vizela a verdadeira Rainha das Termas.

O enlace das termas com o berço da monarquia

Guimarães e Vizela fizeram as pazes! Isto é um acontecimento mundial, que é preciso comunicar sem demora à Sociedade das Nações.

Quando foi da batalha das flores, nas festas Gualterianas, Vizela concorreu com um carro fantasiado, no qual se liam as seguintes quadras, feitas «à la minute», por um dos poetas cá da casa:

Vizela e mais Guimarães,
Há tanto tempo amuados,
Fizeram as pazes, e agora,
São dois gentis namorados.

Guimarães, robusto e forte,
Vizela, meiga e gentil:
Que lindo par tentador,
Debaixo dum céu d'anil!

É D. Afonso Henriques,
Capaz de ressuscitar,
Para servir de padrinho
A tão elegante par.

Voem pombos no espaço!
Alegres repiquem sinos!
— Que seja por muitos anos,
E tenham muitos meninos!

Reparem na beleza das quadras!
E' um misto de Camões e João de Deus!
Nós cá somos assim.

Banhistas e paparoca

A-pesar-da decantada crise, Vizela está muito concorrida e animada. No estabelecimento termal o Dr. Alfredo Pinto não tem mãos a medir, tal a afluência dos banhistas, chegados das cinco partes do globo.

O vinho verde tem tido uma extracção superior à da Santa Casa e com vantagens sobre esta. Na Santa Casa, a maior parte das vezes, sai branco. E o vinho verde, sendo tinto, quando sai, é sempre rôxo!

Vizela é uma terra onde se come bem.

Desde a portuguesíssima cozinha do Garrido, até aos acepipes culinários com que, no Cruzeiro do Sul, o nosso amigo Manta mimoseia os seus hóspedes,— tudo é bom e saboroso, de comer e chorar por mais... vinho verde, sendo daquele engarrafado que há no Cruzeiro do Sul.

Algumas brejeirices? Algumas pequenas irreverencias com gente sisuda e melancolica? Bastantes hiperboles na troça e na inventiva?

Mas, se assim não fôsse, a *Maria Rita*, a quem desejamos muitos anos e bons, não morreria a rir, ventrada e oleosa, como tem de morrer sempre... quem tem bastante que comer e beber e o fígado desopilado pelos ridiculos humanos.

O caricaturista é Octavio Sergio que nos parece superior, na *filosofia* dos traços — lá diz o outro *que a caricatura é a filosofia da pintura* — ao Sebastião Sanhudo do saudoso *Sorvete*, delicia dos nossos medixos e distantes 15 anos.»

Muito gratos ao nosso colega e ao illustre escritor, Sr. José Agostinho, pelas referencias e incentivos, aqui deixamos os nossos melhores cumprimentos de agradecimento.

PASSA-TEMPOS CASEIROS

que a MARIA RITA oferece aos seus leitores

MARIA RITA, sempre na ânsia de bem servir quem a lê, generosamente, magnânimamente, entrega ao seu público estas preciosas receitas, esperando de que elas sirvam de passa-tempo para as longas e calmosas horas da quadra que passa.

O jôgo do balancê

Este passa-tempo, tão simples, tão inocente, pode ser jogado por toda a família, no fim das refeições ou durante elas.

Os jogadores, um por cada vez, sobem acima da mesa e empoleiram-se no lustre da luz eléctrica, depois de previamente accesas todas as suas lâmpadas. Enquanto um está empoleirado, os outros vão dando lanço, até que êle bata com os pés no teto, com força. Seguem-se-lhe os outros no mesmo exercicio.

Aquele que estiver encarrapitado no lustre quando êste cair ao chão e que, por conseguinte, apanhe uma grande cocada, é o que perde o jôgo. Pagará a prenda e será gratuitamente conduzido à ambulância mais perto.

Se morrer, o entérro será de primeira e com muitas tochas.

O jôgo de prestidigitação

E' um jôgo que não está ao alcance de todas as pessoas. Só o podem fazer certos maridos em determinadas condições. (Que lhes preste!)

Um conheci eu, que o fazia assim: A' noite, quando, depois de comer, ia até ao café, agarava sempre em alguns amigos e levando-os a casa, dizia-lhes pelo caminho:

— Vão ver, que bela prestidigitação!

E quando a esposa, um pouco pálida, lhe vinha abrir a porta:

— Estás só, minha querida?

E perante a sua anuência:

— Como vêm, está só! Entrem, pois, e verão o bonito!

Chegados ao quarto da cama, o marido dizia umas frases cabalísticas numa língua incompreensível e abria o guarda-fatos e pumba: Aparecia um tenente de artilharia pesada!

Outras vezes saía um *chauffeur*, um deputado da opposição, etc.

Este jôgo, tão bonito, tão simples, repetiu-se muitas vezes. Acabou-se um dia, porque o armário se gastou, do uso.

Fôí uma pena, porque sempre era um número de sensação!

(Para o próximo número daremos mais alguns passa-tempos).

Declaração

Pôrto, 13 de Agosto de 1932.

Ex.^{mo} Sr. Director do Jornal MARIA RITA:

Lutero Lourenço Correa, vem declarar a V. Ex.^a que recebeu dêsse jornal aonde V. Ex.^a é mui digno Director o aparelho de T. S. F. marca R. C. A., aparelho êste com que fui premiado pelo jornal n.º 17 de 13 de Agosto de 1932 cabendo-me para o dito sorteio os números 9217 a 9248.

E por ser verdade, passo a presente declaração.

Agradecendo, subscrevo-me com toda a estima e consideração.

De V., etc.

Lutero Lourenço Correa.

Nós e a imprensa

O illustre escritor, Sr. José Agostinho, redactor da *Bibliografia* de o nosso colega *A Voz* de Lisboa, quis ter a extrema bondade de se referir ao nosso semanário nos seguintes elogiosos têrmos:

«*Maria Rita* — Pôrto, 1932

Visita-nos desde o seu 1.º número este jovial semanario de caricaturas.

Direcção literaria de Arnaldo Leite, Carvalho Barbosa e José de Artimanha — criptonimo este de Heitor Campos Monteiro. Humoristas são estes de boa cotação, auxiliados não só pelo dr. Campos Monteiro, mestre e principe de humoristas, como por outros que, como Tomás Ribeiro Colaço carimbam os seus chistes com inegavel talento e puro bom humor.



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Num rasgo de audácia oratória, o Benito, o meu caro Benito, atirou à face protocolar e enfiada das chancelarias europeias meia dúzia de palavras guerreiras. Aí valente Mussolini! Era tempo de dizer que a Paz, como norte colectivo de países e gerações, é uma espécie de falsa propensão evangélica, que só pode levar à estagnação, ao relaxamento de energias, a um longo e feio murchar de ambições vitais.

No dia em que o homem sinceramente se der à Paz, à ideia da Paz, à cultura enlevada da Paz — estraga dentro de si mesmo tudo quanto pode fazer dêle um vencedor.

Portugal não existia, como não existiria nenhuma das nações contemporâneas, se esse pacifismo de hoje, literário mas perigoso, tivesse sido uma verdade humana. A própria vida de um indivíduo ou é um combate a vencer, — ou é uma chochicé amorfa, inexistente, inútil. A concorrência comercial ou industrial — é uma forma de guerra. O reclamo, — são hastes mobilizadas por uma Droga contra outras Drogas, por uma máquina contra outras máquinas; e não só o reclamo. A própria nação que preside ao aperfeiçoamento da Droga, à beneficiação da Máquina, é uma nação de guerra porque é uma nação de predomínio.

Citroën, se fôsse um verdadeiro pacifista, deixava Henry Ford em paz — não procurando desbancá-lo.

E não haveria jogos de foot-ball, — que são combates, que são guerras pedestres, nem sempre incruentos pelo que respeita às canelas. Não haveria o *bridge*, mansa e astuciosa pugna de salão. Nem nada onde uma emulação de qualquer espécie atirasse umas contra as outras as inteligências e as vontades humanas. Porque tudo, em nós, são fermentos de guerra; porque viver é guerrear — ou não é coisa nenhuma —; porque a Civilização nasceu da guerra, ou da vontade de guerrear — e não há já maneira de cortar à civilização o seu caminho, que é só um, sempre o mesmo, e sempre igual.

Os assombrosos progressos da química, neste momento, não nascem de uma vontade quieta e mansa de arrancar à natureza mais milagres, mais segredos, mais prodígios. Não. Nascem, muito humanamente, do desejo de aniquilar o próximo com o novo gás corrosivo, a nova descoberta mortal, o novo processo infalível que substitua o canhão proscrito pelo tratado, mais o gordo obus pesado e incómodo. Onde não pode haver Arsenal — trabalha o laboratório. E a maravilhosa e indelével tintura que à lá da ovelha branca emprestará a côr do Céu — nasceu por acaso, nêsse Laboratório guerreiro, quando no manipular de premeditações mortíferas o estudo de sais ou reacções incidentalmente a fêz nascer.

Por mim, quando me dou a polir e a repolir a frase, — tal qual como uma mulher elegante quando afia e enverniza as unhas — nutro guerreiríssimos fins; pretendo cravar no coração dos meus rivais finas punhaladas de espirito, cortando em cada punhalada uma fôlha de loiro que acima dêles me erga, invencível e coroado,

E tu, MARIA RITA, o que és tu senão uma Padeira de Aljubarrota? Nasceste para ir ao forno da Imprensa, bravamente, armada até aos dentes de lápis e canetas mais eficazes que a velha pá — chacinar inimigos. As tuas hostes levam bandeiras: — bandeiras despregadas. E enquanto, lá fora, a França se diverte com a guerra económica, a América se entrega aos prazeres da guerra civil, os luminares alfandegários promovem a guerra de tarifas, e a Alemanha premedita a guerra química — tu és uma Napolião da guerra cómica. Honra te seja. — E viva a guerra!

* * *

Vai péssimo o ano agrícola. De inverno não choveu bastante, — a pesar-de haver tanta gente e tanta coisa a pedir chuva. E agora, com estes calores, estes nevoeiros perigosos alternando com uma insalubre secura, o vinho murcha, o milho não dá maçaroca, o azeite esvai-se das oliveiras, o cereal naufraga em raquitismo, o feijão não trepa. Os agricultores, — que não teem pecados, e talvez por isso não teem vintém, pensarão com os seus botões: — seja tudo em desconto das nossas letras... E' que, minha flor, já lá vai o tempo em que a lavoura era iletrada.

Tem faltado tremendamente a água. O Porto, também nesse ponto tem muito mais sorte. Mesmo que lhe falte a água — tem o vinho. E' outra loiça. A capital, e os seus arredores, não; no verão, todos os anos assumem aquela resignação periódica, plena, incomparável, que só os portugueses atingem na arte penosa de se verem gregos.

Os lisboetas, devido ao aqueduto, das Aguas Livres, livres das águas se vêem, mal aberta o calor. Privação duplamente amarga, visto, que, como provam os sifões do Alviela e o sifão de Sacavém, a água da capital é gasosa, — e, portanto, indicadíssima para o verão.

A Companhia das Aguas, para a qual, quando a água abunda, tudo são «bacilidades» — alimenta com alvitre os seus e nossos contadores, êsses feios cofres à prova de água onde não há nesta hora, para os próprios mosquitos sempre famintos, a mais leve possibilidade de irem ao bacilo procurar alimento.

E' horrível.

Por mim, já desisti do Alviela. *Al* é um prefixo moiro; *viela*, todos sabem o que é, mesmo que não cantem o fado. A tendência natural do progresso deveria ser a transformação da *viela* em avenida larga. Mas qual! Ela é cada vez mais um bêco sem saída. Fala-se de novo para aí em captar o Nabão. E' ambição velhíssima, explicável pelo que há de prometedor no simpático vegetal; — mormente assim, em aumentativo. O que nós queríamos era água, água de rio, fonte, ou lagoa; contentávamo-nos com

que fôsse suficientemente líquida para correr da torneira. Realizar-se-á um dia essa aspiração? Oxalá! Se isto continua por muito tempo na mesma atonia, a entidade de quem dependemos terá de passar a chamar-se Companhia das Aguas de Bacalhau. — E ainda será vaidade.

O teatro, de verão, — como os toureiros, de inverno — arrasta sempre uma vida incerta. Mas a verdade é que já não há inverno, para o teatro. E' sempre verão...

E nota. Quem, como eu, crê no teatro, sente com alegria, uma espécie de rejuvenescimento. Já te falei no grande êxito do *Sonho da Madrugada*, de Vasco de Mendonça Alves. Pois contam-me que, no Parque Mayer, o *Sape gato* es'á pegado. Que, no Avenida, ao público se dá tôdas as noites *Um Conto de Reis*. Que o *Chá de Parreira* embriaga de novo as plateias. E que o Erico Braga, sempre astuto e hábil, depois de ter durante tantos anos mantido a coesão de uma esplêndida companhia que todos julgávamos perpétua — vai repor, em *reprise* directa, *D. Perpétua que Deus Haja*.

Aqui tens, por hoje, as notícias que pode mandar-te o

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

“Oniã” ibérica

Cantam p'r'aí a «oniã»
e, palavra! — apoio a lôa!...
Surja uma *niã*, mas boa,
que eu, por mim, lhe dou a mão.

Com sincero apazimento,
um vate, que vive só,
dava o indissolúvel nó...
— Ao menos, por um momento!...

João do MINHO.

A propósito



Ele, comendo geleia — Meu doce amor!...

Ela, bebendo água gelada — És fresco!



Para o mote

*Depois que me encontrei nu,
Quero casar e não posso...*

recebemos mais as seguintes

GLOSAS:

Que pensamento tão cru
Que todos fazem de mim.
Não sei... procedem assim,
Depois que me encontrei nu.
Mas... que pensar é o vosso?
Se vissem como o engrosso...
Se as que criticam o vissem...
Diria, se o sentissem:
Quero casar e não posso.

(Aveiro),

Zé Maria.

Tive um sonho gabiru
Um sonho todo atestado;
Lembrou-me cantar o fado
Depois que me encontrei nu.
E p'ra gozar o menu,
Na minha cabeça coço,
Este feitio é bem nosso
Da gente gargantear.
Obrigando-me a cantar
Quero casar e não posso.

Delfim de Freitas.

Quando eu era gabiru,
E levava a vida a rir,
Só pensei em me vestir,
Depois que me encontrei nu.
Agora te rirás tu,
Deste desalinho nosso:
Muitas vezes bem me coço,
E dou murros no tóuço...
Mas não sei se isto é enguiço,
Quero casar e não posso.

Zé Barão.

Seguem as glosas recebidas para o mote —
o qual nasceu coxo, graças a Deus!

*Poeta da Raza conhece,
O mistério do Amor!...*

N. B. — Alguns colaboradores excederam-se
no comentário. Daí, terem ido as glosas para o
cesto dos papéis...

Sabe o que o Diabo esquece...
A questão é dele querer!...
O segredo da mulher,
Poeta da Raza conhece!...
Se ao acaso lhe apetece,
Namorar... ser trovador...
Logo tem no seu dispor,
Todas quantas ele queira!...
Conhece desta maneira,
O mistério do Amor!...

Alfredo Cunha (Raza).

Quem julga não envelhece
Tem a falsa presunção
E dessa triste ilusão
Poeta da Raza conhece.
Mas, às vezes, desfalece,
A pesar do seu vigor
Confessou com desprimor:
«Quero casar e não posso»,
Certo que para ele é um poço
O mistério do Amor.

Tóni.

Mãe a manhã alvorece,
Cá vou eu todo apurinado,
Com a pequenita ao lado,
Poeta da Raza conhece.
Pois muito bem me parece...
E isto é, sem desprimor
Ofereceu-lhe uma flor.
Soube da galantaria,
Não gostei. P'ra que diria!...
O mistério do Amor.

A. L. (Marialva).

Em qualquer parte aparece
Com a flor sempre no peito;
Muitas damas de respeito
Poeta da Raza conhece...
Qualquer senhora lhe oferece

Seus lábios de linda cor,
Que ele beija com furor
Por não ter mais que lhe dar
Conforme ouço alumiado,
O mistério do Amor!...

Sepol.

De manhã, mal amanheca,
Logo ao Sol cantam as aves,
E os seus trinados suaves
Poeta da Raza conhece.
De flor ao peito, parece
Um rapaz novo a primor,
Como quem vai num andor,
Sempre teso e direitinho,
A conquistar de mansinho,
O mistério do Amor!...

Delfim de Freitas.

MARIA RITA emmagrece
Traz mágoas no coração
As causas desta paixão
Poeta da Raza conhece...
Ela diz: — «al não me esquece
Esse ingrato tentador!»
Sempre munido da flor,
Faz juntar o mulherio!...
Choro, mas por fora rio...
O mistério do Amor!...

Tulipa Negra.

O amor não arrefece
Quando dura há muito tempo;
Pois nos traz grande tormento,
Poeta da Raza conhece...
Quem não ama alegre vê-se...
Não sofre, não sente a dor...
Mas não amar é um horror!...
Quem pode isto perceber!...
Ora, vão lá entender!
O mistério do Amor!...

Violeta.

Amar — nos seus olhos lê-se...
Bondade — no seu sorriso...
Que virtudes nel' diviso,
Poeta da Raza conhece...
Creio bem, que ele merece
Que o prante aqui com valor!...
Quando topo este senhor
Logo adrego de pensar
Que soube desenganar
O mistério do Amor!...

Sardinhaeira.

Nenhuma dama o esquece;
Todas o querem amar...
Que não sabe onde atracar,
Poeta da Raza conhece!...
Nunca em seu peito adormece
O cupido tentador!...
Todas, por isso, em redor,
Nem o deixam respirar!...
E' que el' soube desvendar
O mistério do Amor!...

Cravina Branca.

Ánia, Joana, Clarice,
Carolina, Aurora e Luz,
Orquídea e as manas Lútlis;
Poeta da Raza conhece...
Todas tem por ele interesse...
Maria, Rosa, Leonor;
Tudo bulhou com furor
Em grossa pancadaria!...
Por ele só, quem diria!...
O mistério do Amor!

Dália Vermelha.

Ele todo se envaldece
Por não haver mais ninguém
Que o faça tão bem, tão bem,
Poeta da Raza conhece.
Conhece e não se aborrece
De andar com este calor
A procurar com ardor
Qualquer furo onde alimento
A delícia permanente,
O mistério do Amor.

Olíja.

Quem mais faz menos merece,
O rifão assim o diz,
Afirmavam-me em peizo
Poeta da Raza conhece.
Essa ideia, que enaltece,
Defendendo-a com ardor,
Demonstro assim meu valor,
Mas por vezes desfaleço,
Ele sabe, eu não conheço
O mistério do Amor.

Rei Louro.

Ào papo-seco acontecê
O não saber decifrar,
Pode logo calcular
Poeta da Raza conhece.
Alfredo, logo aparece
Feito audaz conquistador
Na lapela usa uma flor
Tudo na ponta da unha
P'ra desvendar lá 'stá o Cunha
O mistério do Amor!...

Livela.

Se a D. Antónia endoidece,
Por ver seu amor logrado,
Sabem quem é o culpado?
Poeta da Raza conhece!
E numa continuação prece,
Ela reza com fervor,
Pedindo a Nosso Senhor,
P'ra que a faça conhecer...
As sensações do prazer,
O mistério do Amor.

Figueira do Inferno.

Sempre que o vejo, estremece
De prazer meu coração...
Que é de há muito esta paixão,
Poeta da Raza conhece!...
Oh, jamais ela esmorece...
Eu o afirmo com valor!...
É uma jóia! Um primor!...
Barbinhas tou, cor de arminho...
Onde guarda com carinho
O mistério do Amor!...

Orquídea.

Risonho logo estremece,
E a sua «pera» afiada,
Toda a mulher delicada
Poeta da Raza conhece.
Quem é que não entouce,
Ao cheirar a sua flor!
No homem mais sedutor,
Que Deus ao mundo deitou.
Graças à mulher criou
O mistério do Amor!...

Lizé.

Carinhos que lhe apetece
Emprega-os como ninguém
Nas coisas que a mulher tem.
Poeta da Raza conhece.
Quando a mulher estremece
É lhe chega «aquela» dor,
Beija-a logo e com a flor
Que o seu peito sempre cobre
E' assim q' ele descobre
O mistério do Amor!...

Tripeiro.

De-certo não alvorece
Em seu peito a moicidade,
Porém, vibratidade!...
Poeta da Raza conhece.
Toda a Venus lhe merece
Blandicias de trovador;
Seu estro tem tal ardor,
Tais mimos e galanteios,
Que em si traz sempre em anseios,
O mistério do Amor.

Amaral.

Se minha prima adocece
No estado em que ela está,
Não me posso casar já
Poeta da Raza conhece.
Pois se tal coisa acontece
E' p'ra mim um dissabor
De tam grande é um horror
E já se torna notório
Para encobrir... o casório
O mistério do Amor.

Amarantino.

Pois a mim não me parece
Que por tanto difamar
Meu orfão há de acabar
Poeta da Raza conhece.
Pois que ninguém desconhece
Ser tanta asneira... um horror
Que escreveu esse senhor
Para de nós dizer mal
Sem ter porque... afinal
O mistério do Amor!...

Amarantino.

Mote para o próximo número:

*Quem de vidro tem telhado,
Não anda de noite às gatas...*

Dentro em breve a MARIA RITA abrirá
entre os seus glosadores um formidável
concurso, com prémios de valor.



Quem é?

Nariz. Garganta. Talento.
Talentos. Nariz. Garganta.
Um talento quando canta.
O nariz um monumento.

Se no palco é um portento
E o nariz, ao perto, espanta,
— Talento, nariz, garganta...
Garganta, nariz, talento!

ZECARRANÉ.

Anexim

Zé Rabeta
Não tem cheta,
Nem buraco
Onde se metá...
Só tem treta
Zé Rabeta...

Mas não chora
Quando implora...
Do rifão
Lembra-se agora:

"....."
.....!" (?)

BATRÁQUIO.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*
César Ramos. *Anexim* — «Quem cala consente».
Matadores: Reirobi, Satierf ed Mifled, Her-
-Nani Agê, Afonso «Relâmpago», Brancuras,
Toneca Barbas, Cardial Mina.

Contas con... fusas!

Porque o dia foi de calma,
Escaldante como a breca,
Fui com tôda a minha alma
Dar um passeio à careca!

A noite já ia em meio
E, sentindo algum cansaço,
Resolvi sem mais rodeio,
Ir descansar um pedaço.

Os bancos todos tomados,
Estava o «Marquês» em derricho!
P'r'apanhar um lugarzinho,
Dei mil voltas ao touquinho.

Eureka! Saem dois vultos,
Dois lugares? E eu um só!
Não sendo os outros estultos,
Vou até fazer ô!... ô!...

E assobiando uma ária,
Gosava fresco tamanho!...
Mas eis que à pituitária
Chegou não sei quê de estranho!

Levantei-me sem zum-zum,
— Má sorte de alguns mortais! —
A contar com menos um...
E andava ali um de mais!

A. M.



Mimoso Prof.

O Mimoso Miudinho era um cóca-bichinhos sempre mergulhado em velhos e poeirentos alfarrábios, onde com o auxílio dos óculos e da inteligência, catava os têrmos mais arcaicos e as palavras mais arrevesadas vindas do latim, do grego, da flandres, da mouraria, dos troi... anos de 1932, da al... fama e bom proveito e da Na... varra da saía, ole! (sem zumba! zumba!).

*
* *

As imagens eram o forte do Mimoso. Desarrincava frases com uma prosa tão sucoleta e substancial, que cada período valia por um cozido à portuguesa ou por um prato de chispe com feijão!

Exemplos:

— Os teus cabelos à Garçonne são os grêlos à provinciana da nossa paixão culinária.

— E' tua bôca uma romã, são teus olhos azeitonas e teus seios cachos de uvas que abandonas, etc., etc.

— Quando te sinto tôda minha, tenho a impressão que estou a comer bacalhau com todos.

— Há sonhos muito delicados de paladar. Calcula, meu amor, que sonhei esta noite que estavas a comer espargos.

— Cada beijo dos teus é uma fábrica de rebuçados com surpresas que vão até às campainhas.

— No banquete do amor o «hors d'oeuvre» é o que mais se saboreia.

Quando se chega à sobremesa, já não há apetite para o pudim.

— Nas paixões frugívoras deve pensar-se o pêssego, para que se não diga: Isso do amor é caroço!

*
* *

Como vêem a prosa do Mimoso Miudinho era, além de original, muito saborosa e alimentícia.

Variava muito de estilo e adjectivava com elegância e uma facilidade pasmosas.

Referindo-se a um orador, dizia: Fulano, é um orador fluente, demoténico, verborreico, leonárdico e coímbrico.

*
* *

Uma ocasião, quando estava a dar lição na escola em que era professor, fez a apologia dos nossos maravilhosos dias de sol.

E principiou:

Hoje está um dia luminoso! Um dia lindo! Um dia criador! Um dia... fragma! Um dia... gnóstico! Um dia... pasão! Um dia bom! Um dia... betes! Um verdadeiro dia rei...

Foi nessa altura que um dos alunos gritou do fundo da sala:—E' melhor juntar-lhe um «a» para ficar mais completo!

LEIDOAR.

Um acontecimento sensacional

GRANDE ALVOROÇO

Milhares de pessoas presenciaram um caso único

Ontem, às 3 da tarde, estive o trânsito interrompido na Praça da Liberdade.

Uma multidão compacta coalhava por completo o lugar onde o Sr. D. Pedro IV, segura na mão direita os papéis brasileiros, e pergunta à casa Sousa, Cruz & C.^a se os Getúlios Vargas já deram ordem para se pagarem os respectivos juros.

Porque motivo se juntaria tão grande massa de povo?

Qual a razão porque tôdas as pessoas abriam a bôca num enorme «Oh!» de admiração e espanto?

Os homens comprimiam-se em cima do tejadilho dos eléctricos!

As varandas, quasi não podiam com o pêso das gentis damas, que se debruçavam, curiosas, para gozar o inédito espectáculo.

A policia era impotente para conter o público, que em golfadas convergia para a Praça, vindo de tôdas as ruas que ali vão desaguar, ou melhor desaterrar.

Mas o que era, afinal?

Oh! caso nunca visto e assaz especificolondrífico! Pasmal, povos! Assombrai-vos, gentes!

Quereis saber o que era?

Nada mais, nada menos do que um homem de coragem, que tinha cometido o acto heróico de aparecer na rua com um chapéu de palha!

Uma coisa que já ninguém via há tanto tempo, a não ser nos escaparates das chapelarias!

Consta que o Governo vai condecorar o destemido cidadão.



COISAS DE FORA

(Do nosso redactor especial, pedindo desculpa do atrazo).

Boletim financeiro

A Crise Capitalista

A crise capitalista, que tanto preocupa no momento a política mundial, não tem, segundo o nosso modesto modo de ver, ouvir, cheirar, sentir e apalpar, a importância que se lhe quer dar. Para nós, que bacorejamos os mais aturados estudos financeiros, os males da sociedade contemporânea não adveem directamente do sistema capitalista, mas sim da falta absoluta de capitais. O capitalismo não morre. Jamais morrerá... enquanto Deus lhe der vida e saúde.

Não é pròpriamente o capitalismo que nos cumpre combater, mas sim a miséria e a pelintrice.

Desconfiai dos que gritam: abaixo o capital. Esses, se o apanhassem caído no chão, haviam, com tóda a razão, de

Impossível



— Para conquistar o seu amor seria capaz de fazer uma grande tolice...

— Perca as esperanças; eu já casei.

A Paz Armada

Lausana, 1 de Agosto — Continuam acaloradas as discussões acêrca da Paz. Tem havido várias cenas de pugilato, esperando-se a todo o momento que haja atentados pessoais. — (E.).

Bolívia — Paraguai

Londres, 2 de Agosto — Segundo informações oficiais, só depois de ter terminado a revolução brasileira se poderá solucionar o conflito entre estes dois países. Teme-se, porisso, que nunca mais haja paz. — (E.).

Pelo Oriente

Nanquim, 3 de Agosto — Acabou-se a tinta da China. Reina grande consternação. (E.).

Verbo dar



Ele, solene — Desejo dar-te uma palavra...

Ela — Preferia um colar de pérolas.

lhe deitar a mão... que tivessem mais à mão. Mas isto não cabe tudo num artigo. Mais de espaço nos referiremos ao mesmo assunto, com a nossa já comprovada experiência.

POR ÊSSE MUNDO

As Eleições Alemãs

Berlín, 1 de Agosto — Hitler obteve uma maioria relativa.

Sabe-se de fonte segura que reina grande entusiasmo entre os nacionalistas. — (E.).

A Revolução Brasileira

Rio de Janeiro, 30 de Julho — Continua tudo na mesma como dantes. Os federais esperam ganhar... e os revoltosos também. Não se sabe ao certo quem ganhará.

E' de arrasar



— Ai filha e o trabalho que nós temos todo o dia sem fazer nada, à espera que os nossos maridos venham do escritório?

PEÇAS E



O BOI APIS

Tragédia egípcia, com coros "bôca chiusa" (não tem letra)

PERSONAGENS: Xantippas, Absalide, Lordohamor, Um amigo, Um Astrólogo

ANO 732 A. C.

PRIMEIRO ACTO

(Num botequim do Baixo Egito, no reinado do Faraó Ramsés CXI.)

ABSALIDE

A verdade é só uma, meu amigo. Não creio no Boi Apis. Que um castigo do céu em pó me torne. Não receio a cólera dos deuses. Ontem, veio procurar-me o compadre Absalão, — um hebreu da mais alta condição — p'ra que eu fosse com êle constatar um milagre profundo e singular do tal Boi Apis que vocês pretendem pôr entre os deuses que no céu esplendem...

LORDOHAMOR

Porque não foste ver? Tu és descrente. Pergunta a tua espôsa.

OUTRO AMIGO

Exactamente.

Pergunta-lhe e verás. Um sacerdote que eu conheço, garante que um velhote de oitenta e tal janeiros, remoçou de tanto que ao Boi Apis se apegou.

LORDOHAMOR

E êsse milagre foi de tanto brilho, que a mulher do velhote teve um filho que p'ra ser o Boi Apis, só lhe falta de excrecências um par na testa alta!

ABSALIDE

Penetrou a descrença no meu seio.

O AMIGO

Não crês, porquê?

LORDOHAMOR

Porque não crês?

ABSALIDE

Não creio!

(Desce um profundo silêncio. Dots condutores da Companhia Carris através do Nilo jogam o bilhar. O café arrefece nas chávenas. Lá fora ouve-se a buzina dum automóvel em segunda mão.)

ABSALIDE

Vou para casa. Espera-me Xantippas. Hoje o almôço é de primeira: Há tripas!

(O côro interno entoia uma canção dolente, género veneziano.)

SEGUNDO ACTO

(Na alcôva perfumada a incenso e cina-momo, de Xantippas, espôsa adorável de Absalide. — Esta é um Astrólogo-Caldeu.)

XANTIPPAS

Não devo acreditar na vossa frase. Estive quasi convencida, quasi a crer que o vosso amor libidinoso continha um não sei quê de religioso, que justificaria uma traição. Vejo, porém, que não.

ASTRÓLOGO-CALDEU

Que não?

XANTIPPAS

Oh! Não!

ASTRÓLOGO-CALDEU

Que me devore, e já!, o Crocodilo sagrado e secular do velho Nilo, e me perca nas trevas de Sodoma, se eu quero permutar o meu idioma com o vosso, com cuspo ou mesmo a sêco!

XANTIPPAS

P'ra doutrinas do Amor, sei, não sois pêco. E eu não quero traír Absalide. Osiris vá convôsko. Senhor: Ide!

(E proferindo estas cruas palavras, Xantippas rasga-se tôda e desfalece-lhe nos braços. — Um silêncio desgrenhado. — O côro, que cada vez se interna mais, entoia um tango mi-longa.)

TERCEIRO ACTO

(Na referida alcôva, cinco minutos após. — Absalide entra e apercebe-se do crime nefando.)

ABSALIDE

Sim! Tem razão o Astrólogo Caldeu! O Boi Apis existe. O Boi, sou eu!

Mazalipatão FILHO.

CARTAZ DE HOJE

S. João: Ainda não encerrou as suas doiradas portas para obras.

Olimpia: Cinema sonoro, com as melhores produções.

Passos Manuel: Variedades, com números de grande successo.

Batatha: O grandioso filme de êxito mundial *Madame Satan*.

Os Concursos da "Maria Rita,"

O acolhimento do público ao nosso primeiro concurso de Pim-Pam-Pum (e dizemos primeiro, porque havemos de fazer segundo se Deus nos der vida e saúde) foi de tal forma gentil e animador que não podemos por nenhum motivo deixar de corresponder a êsse acolhimento.

E como? Pensamos nós.

— Da maneira mais simples... respondeu-nos o homem das Artimanhas cá da casa.

Fazendo um novo concurso, mais rápido, mais simples e da mesma forma lucrativo.

Foi assim que nasceu a ideia do *Concurso de Setembro*, ou

o Automóvel-Mistério

concurso simplicíssimo e que se resume nisto:

A MARIA RITA publicará tôdas as semanas um mapa de Portugal (parte Norte do Tejo) Nesse mapa será representado gráficamente o seguinte:

- Diversas cidades importantes
- Diversos rios principais
- „ monumentos célebres
- Diversas estâncias termas
- „ praias da beira-mar.

Depois, cada semana a MARIA RITA perguntará aos seus leitores.

Qual é o itinerário do

Automóvel-Mistério?

E dirá para facilitar, que nessa semana o automóvel, terá de atravessar tantos rios, passará tantas praias ou termas, visitará tantos monumentos, e parará em tantas cidades.

Restará ao concorrente o adivinhar quais as cidades, os rios, etc., que

o Automóvel-Mistério

atravessará.

PRÉMIOS

Ao concorrente que adivinhar o itinerário certo, o qual terá de ser desenhado a tinta no próprio mapa que a MARIA RITA publicará,

500\$00.

Aos concorrentes que derem só 1 erro: três prémios de 100 escudos, ou sejam

300\$00.

Aos concorrentes que derem só 2 erros: quatro prémios de 50 escudos, ou sejam

200\$00

aos concorrentes que derem só 3 erros: cinquenta prémios de 10 escudos representados por livros de igual valor, ou sejam:

500\$00

E aqui tem V. Ex.^a um concurso do

Automóvel-Mistério

simples, rendoso e rápido visto que é tôdas as semanas. Os mapas já marcados, terão de ficar em nosso poder até à quarta-feira seguinte, para se fazer o apuramento de acôrdo com o verdadeiro itinerário que a MARIA RITA publicará, e estará patente ao público, devidamente lacrado e selado como de costume, nas montras da Agência de Publicações da Praça da Liberdade.